

A RELAÇÃO TEORIA E PRÁTICA NA EDUCAÇÃO EM FREIRE

Volnei Fortuna

Possui Graduação em Filosofia pelo Instituto Superior de Filosofia Berthier (2011). Pós-Graduação em Educação, Direitos Humanos e Relações Étnico-Raciais (2012) pelo Instituto Superior de Filosofia Berthier, Formação Pedagógica de Docente para a Educação Básica e Profissional - IFRS Campus Sertão (2013), Mestrado em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade de Passo Fundo (2015). Professor do Instituto Federal - Campus Sertão.

E-mail: <volnei.fortuna@sertao.ifrs.edu.br>.

RESUMO

O presente artigo objetiva refletir *a relação teoria e prática na educação em Freire*, diante dos desafios e problematizações educacionais. Buscaremos, a partir de análise bibliográfica, compreender em que termos as ideias de Freire são referências ainda importantes para a formação dos indivíduos e para a emancipação da sociedade. Para tanto, são analisados a concepção de educação, teoria e prática no pensamento freireano e, na sequência, é avaliada a produtividade de tais concepções, considerando o contexto da educação. No entrelaçamento e tensão existente entre a teoria e prática na educação, pretendemos compreender a práxis pedagógica como possibilidade de (co) relação entre sujeitos pensantes e pensados no processo educacional. A relação teoria e prática na educação abre caminhos emancipatórios norteadores para a formação de sujeitos, que pensam a sociedade de forma coerente aos preceitos do ser mais, como possibilidade do educador/a e do educando/a. A condição dos sujeitos em processo de conhecimento é tão humana, que é capaz de possibilitar a transformação de si e de outrem. Para isso, teoria e prática imbuídas de práxis, são condições necessárias para a formação de sujeitos sensíveis, emancipados, solidários e transformadores do mundo.

Palavras-Chave: Teoria. Prática. Práxis pedagógica. Ser mais. Emancipação.

INTRODUÇÃO

A compreensão de Freire sobre a relação entre a teoria e a prática será o tema de reflexão neste texto. A proposta educativa de Freire vai ao encontro de uma sistemática inter-relação entre teoria e prática, apresentada como práxis pedagógica. Pensar a educação, na dinâmica da práxis¹ na atualidade, continua sendo um dos grandes desafios enfrentados pelos educadores/as em sala de aula. Precisamos ousar nos espaços de forma-

ção, aprimorando a capacidade de transformação social, desenvolvimento intelectual, constituição de relações e, evidentemente, construção de conhecimento. Quando falamos em transformação, temos presente a interdependência entre o transformar, formar e agir. A efetivação deste tripé, deve ser um ato de emancipação e melhoramento de condição de vida dos sujeitos e grupos da sociedade. Em contraposição, entendemos que a transformação em si é enfrentamento, choque de realidade de um determinado contexto, em que os sujeitos envolvidos não compreendem a importância de se instaurar a mudança que, muitas vezes, desestabiliza, sendo ela subjetiva do próprio sujeito ou da sociedade. A similaridade entre teo-

¹ Para Freire, práxis significa que, ao mesmo tempo, o sujeito age/reflete e ao refletir age, ou se desejarmos, o sujeito da teoria vai para a prática e da sua prática chega à nova teoria, sendo assim, teoria e prática se fazem juntas, perpetuam-se na práxis.

ria e prática mostra que “sem os dados empíricos a reflexão pedagógica torna-se vazia, sem referenciais teóricos, sua atuação torna-se cega” (MÜHL, 2011, p. 12-13). Esta lógica pode ser compreendida como forma de interpretação do real e da vida, encaminhando a alteridade e transformação. Por isso, para que haja mudança, os sujeitos devem estar conscientes de seu próprio ser no mundo e ser no mundo com os outros. É um equívoco pensarmos uma sociedade globalizada/globalizante, embasada em princípios solipsistas e individuais, considerando que o coletivo provoca discussões, análises, sínteses sobre uma determinada realidade que, por sua vez, alimenta o espírito transformador comunitário.

Na *Pedagogia do Oprimido*, encontramos a afirmação que Freire faz sob a condição do ser humano, sendo este, um ser da práxis. Esta é uma de suas condições ontológicas, “os homens são seres do quefazer é exatamente porque seu fazer é ação e reflexão. É práxis. É transformação do mundo” (FREIRE, 1987, p. 121). A educação para ensino e aprendizagem estimula a construção epistemológica para a democracia, promoção do diálogo, respeito à diversidade e de caráter solidário dentro da ação educativa. A educação não pode partir do pressuposto verbalista ou ativista, mas da reflexão e ação. Da mesma forma em que educador/a e educando/a não nascem prontos, mas vão se construindo no decorrer de seu processo formativo, a construção democrática acontece num ato de esperança, considerando que “a esperança é necessidade ontológica” (FREIRE, 1992, p. 10), faz parte do ser humano histórico, que se encontra em constante movimento e aperfeiçoamento.

Pensar a educação dentro da composição e aperfeiçoamento da práxis vai ao encontro da constante ressignificação pedagógica, a saber, que educador/a e educando/a se encontram atrelados ao permanente vir-a-ser dos sujeitos. Para contemplar o objetivo deste estudo, optou-se em realizar revisão bibliográfica, dimensionado a práxis pedagógica e epistemologia como possibilidade de construção humana² e social a partir da conjuntura e problematização das obras freireanas.

2 Quando compreendemos a metodologia utilizada por Freire em seus processos de formação, percebemos sua capacidade de interação com o outro/a, uma relação que acontece de forma respeitosa, natural e de reconhecimento do conhecimento expresso por outrem. É nesta perspectiva que observamos que o conhecimento deve ser potência de humanos, que humanizam e se deixam humanizar.

A RELAÇÃO TEORIA E PRÁTICA: A PRÁXIS PEDAGÓGICA

Nossa abordagem sobre a relação teoria e prática perpassa o compromisso existente dos sujeitos na construção de saberes e com a transformação da sociedade. Dentro do processo pedagógico, teoria e prática precisam dialogar permanentemente, fugindo da ideia tradicional de que o saber está somente na teoria, construído distante ou separado da ação/prática. Na concepção de Freire, teoria e prática são inseparáveis tornando-se, por meio de sua relação, práxis autêntica, que possibilita aos sujeitos reflexão sobre a ação, proporcionando educação para a liberdade. “A práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido” (FREIRE, 1987, p. 38).

Percebemos que a proposta freireana caracteriza-se num contexto originariamente dialético, ou seja, a educação em seu quefazer exige ao educador/a e educando/a um posicionamento de reconhecimento e emancipação humana, para isso, “o seu quefazer, ação e reflexão, não pode dar-se sem a ação e a reflexão dos outros, se seu compromisso é o da liberdade” (FREIRE, 1987, p. 122). A práxis pedagógica e epistemologia em sua conjuntura veem na condição humana, potencial de esperança, amor, autenticidade, diálogo e transformação, com capacidade de compreensão e intervenção do mundo. Estas disposições fazem com que os sujeitos coloquem-se diante do outro, com propósito de modificar a realidade e contexto opressor/dominador,

[...] el diálogo es la palabra que tiene como elementos constructivos la acción y la reflexión. Esto equivale a decir que el diálogo es praxis entendida como transformación del mundo. Sus deformaciones son la reflexión (palabrería) y la acción sin reflexión (activismo). La verdadera existencia humana consiste en decir palabras con las cuales los hombres transforman el mundo (RUSSO, 2011, p. 27).

O ser humano em seu sentido ontológico existe na pronúncia e transformação do mundo. Desenvolve-se pela condição dialógica que é possibilidade da comunicação, isto é central para a verdadeira educação, quanto maior e mais cedo possibilitarmos as relações dialógicas, quanto an-

tes transformaremos a sociedade. “É preciso que fique claro que, por isso mesmo que estamos defendendo a práxis, a teoria do fazer, não estamos propondo nenhuma dicotomia de que resultasse que este fazer se dividisse em uma etapa de reflexão e outra, distante de ação” (FREIRE, 1987, p. 125). Para que o ensino e aprendizagem aconteçam de forma efetiva, teoria e prática precisam naturalmente ser conduzidas concomitantemente, esta é uma necessidade indispensável para a emancipação e realização humana. No entanto, este não é um limite da consciência, este é um passo inicial que fomenta a formação de sujeitos críticos capazes de entender a atividade reflexiva conectada à ação social, tornando-se inseparáveis na formação histórica dos sujeitos.

Diante da percepção de uma práxis histórica, ligada a contradições, distorções, limitações que precisam ser superadas cotidianamente pelo ser humano, percebemo-lo como “um ser histórico, que se realiza à medida que toma consciência de sua condição temporal e começa a estabelecer um destino para si e para o mundo. A práxis é sempre uma ação política a favor e contra alguém, a favor ou contra determinada situação histórica objetiva, concreta de opressão” (MÜHL, 2011, p. 16). Esta ação e reflexão estão voltadas a um posicionamento humanizador universal, originado na pronúncia e modificação do mundo.

A palavra verdadeira é práxis, energia e realização da vocação para o ser mais humano (vocação ontológica), seu objetivo é a transformação do mundo. Este é um processo que envolve uma relação entre o que se pensa, o que se diz e o que se faz, sendo este um ato coerente de aproximação do que pensamos, dizemos e fazemos. “[...] mais que uma categoria analítica ou epistemológica, a práxis deve ser entendida como consequência de uma forma de ser do homem no mundo, que ao pensar e agir transforma o mundo e a si mesmo. Esse é o entendimento que Freire tem da práxis” (MÜHL, 2011, p. 17). Nesta condição, a educação é possibilidade epistemológica na medida em que supera a contradição existente na educação bancária.

[...] la pedagogía dialógica el objeto que media es parcialmente conocido por el docente que lo ha construido por un método dialógico y se torna cognoscible para los alumnos porque se ofrece como un problema común. A su vez, se a constituido en un objeto de comunicación o de puesta en común porque se generado en el diálogo que rechazó la naturalidad de la situación de injusticia (RUSSO, 2011, p. 31).

A formação crítica deve viver plenamente a práxis, a partir de uma reflexão que ajuda o educando/a pensar de forma ordenada, com isso, supera o conhecimento ingênuo e passa para um olhar racional da realidade, este é o objetivo da práxis pedagógica, a formação de consciência crítica. Na *Pedagogia do Oprimido*, o desenvolvimento de ação reflexivo-crítica é essencial. A concepção de mundo ingênuo somente será capaz de transformar-se em revolucionária pela práxis pedagógica e pela possibilidade de acesso ao conhecimento. A educação em suas estruturas precisa ter como magnificência a equidade, pois a ação pedagógica envolve pessoas, este ato humano se surpreende pela diversidade de subjetividade. O diálogo é a única alternativa que encaminha para (des) construção por um viés crítico pedagógico, capaz de exceder o dualismo entre sujeito e objeto. Por ele, identificamos o vir-a-ser do ser humano, ou seja, sua inconclusão e sua constante construção.

Freire compreende a educação como práxis, em seu sentido mais amplo, evoca o poder que o homem tem de transformar o ambiente em que está inserido, tanto natural, quanto social. “Somente a práxis pedagógica é capaz de transformar a concepção do mundo ingênuo em concepção do mundo revolucionário” (BENINCÁ, 2011, p. 47). Percebendo o horizonte e abrangência que o olhar praxiológico pode transpassar, é inconcebível pensar uma metodologia que torne os espaços de construção de conhecimento em pesquisador/a (educador/a) e o pesquisado/a (educando/a), barrando a relação direta entre sujeito-sujeito, considerando que a pedagogia acontece por ações e relações humanas carregadas de subjetividade.

Na pedagogia da práxis não há ruptura relacional, mas apenas outra forma de agir sobre o educando. A possibilidade de o educador se transformar nesse processo relacional surge da condição de ser investigador da sua própria prática. Como pesquisador de sua prática, tanto educador quanto o educando, ao flexionar sua consciência, tem condições de observar e perceber os sentidos e as intensões presentes no senso comum em decorrência disso, há possibilidade de transformá-los (BENINCÁ, 2011, p. 50).

O processo pedagógico da práxis, para além de produzir conhecimento, conduz educador/a e educando/a tornarem-se permanentes pesquisadores/as, movimentando-se numa pedagogia que investiga, transforma e educa, investindo em uma

formação de caráter permanente/continuado. Para isso, necessariamente, existem fatores metodológicos que servem de base para que a práxis, dentro dos moldes pedagógicos, possa se legitimar. Enfatizamos a fundamental importância de participação ativa da comunidade educacional, o conjunto educacional (coordenação, educador, educando, pai, mãe, entre outros) se constitui a partir de um método participativo, que serve de linha norteadora de como os sujeitos estão direta ou indiretamente envolvidos e são responsáveis na formação de outrem. É neste processo de envolvimento universal que se abre um leque de possibilidades de questionar e criticar a forma que a teoria e prática estão sendo conduzidas. Conforme Gramsci, “Criticar a própria concepção do mundo, portanto, significa torna-la unitária coerente [...]. Trata-se, pois, de elaborar a consciência crítica e coerente [...]” (apud BENINCÁ, 2011, p. 51). O investigador/a e o objeto investigado, automaticamente, precisam estar em uma relação pedagógica, sendo esta, um ato coerente dentro de sua ação de construção epistemológica.

Considerando toda a bagagem que a práxis se apropria, somos desafiados a tencionar o saber, tornando-o problematizador e construtor crítico, mostrando que o saber tem valor e acontece de forma compartilhada, envolve-nos a participar do seu conhecimento, quebrando o paradigma de conhecimento absoluto. O olhar crítico/reflexivo objetiva a organização do pensar humano, acendendo a olhar a realidade racionalmente.

PRÁXIS PEDAGÓGICA E EPISTEMOLOGIA: O COMPROMISSO ÉTICO

É interessante notar que Freire não abandona a concepção ética e política moderna da explicação humana. Afirma que a modernidade não é algo alheio dos sujeitos, mas um projeto histórico inconcluso. Apresenta a modernidade como um projeto histórico inacabado, e propõe completá-la e corrigi-la com seu propósito ético e político de educação, enfatizando a emancipação como conquista da liberdade do oprimido. A ação histórica do sujeito no mundo atribui-se à sua emancipação histórica e cultural. É na cultura que o interesse de emancipação se manifesta, realizando-se nas dimensões técnicas e sociais. A práxis deve ser compromisso ético. O ato de ensino e aprendizagem, que é ação e reflexão, parte do pressupos-

to de formação ética. Não temos como separar a conscientização ética³ da alfabetização, ambas são interdependentes e o sujeito, ao mesmo tempo em que se alfabetiza, está sendo conscientizado para a execução de uma teoria ou prática libertadora.

O ato de alfabetizar⁴ acontece concomitante a formação de consciência crítica e ética. O método de alfabetização, de autorreflexão e a epistemologia provocam no sujeito mudança. Esta ação compreende que o sujeito obtém do mundo um elemento fundamental na relação teoria e prática, é a autorreflexão, que contribui para uma política de educação crítica, visando atender o interesse da autonomia e emancipação de cada sujeito.

A conscientização do sujeito, de seu papel no mundo como agente transformador da realidade opressiva, faz com que seja escritor de sua própria história. O comprometimento que acontece no exercício da transformação da realidade opressora identifica-se com a práxis. Tanto a filosofia quanto a pedagogia obtém mecanismos e ferramentas que impulsionam a práxis, para que ela cumpra seu objetivo de libertação dos oprimidos. A educação precisa alimentar a consciência crítica na busca pela emancipação. No contexto subordinado e de exploração, os dominados têm a possibilidade de dar-se conta da situação em que se encontram, observando possibilidades de libertação.

A relação efetiva entre teoria e prática leva a uma ação consciente, Freire insiste na educação como conhecimento crítico, pois, somente através de um posicionamento da consciência crítica, é que o sujeito terá noção da realidade e capacidade de comprometer-se em transformá-la. O sujeito conscientizado pelo processo educativo assume, com a transformação da realidade, a própria busca pela liberdade. A pedagogia freireana tem como propósito e desafio encontrar alternativas vivificadoras e humanizantes, que possibilitem aos indivíduos a produção real da libertação, provocando o educando/a conhecê-la objetivamente. A ideia original da educação perpassa o pragma-

3 Quando falamos em conscientização, temos como parâmetro primordial uma formação com raízes na coerência do ato de ensinar. O objetivo está em formar sujeitos emancipados, livres e transformadores da realidade, embasados em princípio éticos.

4 O ato de alfabetizar vem carregado de perspectivas sociais no pensamento freireano. Visa um processo de ensino e aprendizagem a partir da construção ou ato de conhecimento, diferente da memorização mecânica. Por isso, Freire atenta no diálogo o caminho delineador para a práxis alfabetizadora. A importância de aprender a ler e escrever, deve ser um desejo e necessidade, como forma de melhoramento da vida.

tismo limitador, até propriamente pela omissão de uma simples informação, ela busca, a partir de sua pedagogia, constituir conhecimento não para ou sobre, mas com o educando/a, formando-o para ser sujeito de sua própria ação, história e educação. A educação para a liberdade pode ser capaz de libertar o educando/a da opressão. “Nesta educação a comunhão é fator primordial” (JORGE, 1981, p. 19-20).

O processo de libertação do oprimido, que parte da práxis, epistemologia e ética, não é uma teoria social que não produz reflexo algum na sociedade, mas uma teoria que provoca atitudes conscientes no sujeito frente às realidades desumanizadoras e opressoras que o limitam do “ser mais”. Freire, na obra *Educação e Mudança*, afirma que,

[...] o compromisso do profissional com a sociedade nos apresenta o conceito do compromisso definido pelo complemento ‘do profissional’, ao qual segue o termo com a ‘sociedade’. Somente a presença do complemento na frase indica que não se trata do compromisso de qualquer um, mas do profissional (FREIRE, 1979, p. 15).

Não se trata de qualquer tipo de compromisso, mas um compromisso crítico, ético e consciente que visa o fim da opressão, diante da realidade opressora. A educação na dimensão humana, apenas é possível por meio da ética da solidariedade e justiça.

Não é possível pensar os seres humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela. Estar longe ou pior, fora da ética, entre nós, mulheres e homens, é uma transgressão. É por isso que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. Se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando. Educar é substantivamente formar (FREIRE, 1996, p. 33).

Sem transformação ética dos sujeitos e sociedade, não tem como pensarmos em uma revolução que realize finalidades verdadeiramente preocupadas com os seres humanos. Nesta mesma dinâmica, o compromisso seria abstrato se não envolvesse uma decisão consciente de quem o assume. A ação necessariamente deve ser um compromisso consciente, pois, nos aproxima da natureza do ser que é

capaz de comprometer-se. O compromisso é fruto de uma educação problematizadora, que faz com que o sujeito haja de forma consciente, vendo o mundo além da sua aparência.

O homem e a mulher são, por excelência, seres históricos. Este compromisso demanda a capacidade de distanciar-se do mundo para melhor entendê-lo, agindo de tal forma que se comprometa com a mudança. Somente o sujeito que assume este compromisso será capaz de mudar o sistema que o oprime. Como não há homem sem mundo, nem mundo sem o homem, também não pode haver reflexão e ação fora da relação homem-mundo. Compromisso não significa algo superficial do real, mas se trata da humanização do mundo. O comprometimento, que faz parte da existência humana, é uma responsabilidade histórica que acontece com posicionamentos de sujeitos esclarecidos. “O verdadeiro compromisso é a solidariedade, e não a solidariedade com os que negam o compromisso solidário, mas com aqueles que, na situação concreta, se encontram convertidos em “coisas”” (FREIRE, 1979, p. 19).

O compromisso ético a partir da mudança deve ser consciente e sério com a realidade, precisa tornar o sujeito humanizado e livre, não o privando de ser mais. Esta é a verdadeira dinâmica existente entre o compromisso e a liberdade, ou vice-versa. Temos aqui um sujeito vocacionado a ser mais, em que muitas vezes, por ser oprimido, torna-se um ser menos. Neste sentido, propõe-se uma educação problematizadora que dê possibilidades de ser mais, mostrando que somos sujeitos históricos e inconclusos. Este processo permite a construção da liberdade, comprometendo-se com a transformação da sociedade e, conseqüentemente, terá como resultado a mudança do sistema opressor. Na *Pedagogia da Esperança*, Freire escreve:

Meu dever ético, enquanto um dos sujeitos de uma prática impossívelmente neutra – a educativa – é exprimir o meu respeito às diferenças de ideias e de posições. Meu respeito até mesmo às posições antagônicas às minhas, que combato com seriedade e paixão. Dizer, porém, cavilosamente, que elas não existem, não é científico nem ético (FREIRE, 1992, p. 79).

Freire deixa claro seu posicionamento a favor da democracia coerente, sendo a educação fonte de caráter realizador da vocação de homens e mulheres à humanização. Democracia e humanização se correlacionam, pois, quanto mais o

meu ato for democrático, tanto mais minha ação será humana. Para que isso aconteça, temos que estimular o envolvimento participativo dos educandos/as, portadores de uma bagagem de vida e história, aprimorando a construção da práxis autêntica, que tem embasamento na construção de espaços novos e mais humanos, entendendo que a história acontece se o sujeito for protagonista. Pensar metodologicamente as afeições freireanas remete-nos diretamente a uma tomada de consciência e busca incansável pela formação de conhecimento crítico. A práxis, como compromisso ético, social, político e religioso, precisa “levar o homem à discussão corajosa da sua problemática, adverti-los dos perigos de seu tempo e lhes dar força e coragem para lutar ao invés de serem levados a perdição do próprio “eu” submetido às prescrições alheias” (JORGE, 1981, p. 30).

A educação, como movimento da práxis pedagógica, faz com que “o homem, como ser de relações, desafiado pela natureza, a transforma com seu trabalho; e que o resultado desta transformação, que se separa do homem, constitui seu mundo. O mundo da cultura que se prolonga no mundo da história” (FREIRE, 1982, p. 65). O fenômeno gnosiológico, com a relação entre sujeito cognoscente e objeto cognoscível, está na comunicabilidade, sendo este mediador do ato epistemológico. Ter acesso ao conhecimento é dar possibilidade aos educandos/as a uma visão humanizadora, que rejeita a manipulação e abre caminhos à liberdade. Freire faz analogia à prática de velejar um barco, no qual o capitão precisa ter o conhecimento global de seu barco (conhecimento do vento, força, direção, velas, motor), transmitindo segurança aos tripulantes. Da mesma forma, na educação emancipadora, o educador/a necessita ter domínio e compreensão teórica, para não transmitir conhecimentos deficitários. “A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando bláblá e a prática, ativismo” (FREIRE, 1996, p. 22). O exercício da práxis deve estar intrínseco ao processo de formação do educador/a, tendo presente que ensinar não é transferir ou depositar conhecimento. É por meio da relação comunicativa entre teoria e prática que construiremos conhecimento, logicamente, em constante processo de atualização.

A metodologia da práxis tem, portanto, como pressupostos a participação e envolvimento do professor, em seu processo de formação conti-

nuada. É uma metodologia que fortalece a interação comprometida do professor na construção do conhecimento e que move a aproximação e o estreitamento dos vínculos entre teoria e prática (COVER, 2011, 75).

Por esta análise, o ser humano, por sua capacidade de transformação, ação e reflexão em si, é um ser da práxis, com possibilidade de autorreconhecimento de seu permanente processo de formação. Por isso, destacamos a importância de um engajamento que atenda o individual e, indispensavelmente, o coletivo, como forma de objetivar a práxis pedagógica numa perspectiva, em que educador/a e educando/a tenham a percepção do ser-para-si e ser-para-outro. Isso exige flexibilidade e entendimento, pois ao reconhecer-se como sujeito em potencial, carregados de experiências construídas em sua trajetória de vida na família, escola, comunidade, cultura e universidade, compreendemos a dinamicidade de conhecimento que um espaço educacional proporciona. “Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender, participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a serenidade” (FREIRE, 1996, p. 24). Este olhar global da formação de educadores/as, comprometidos com a transformação dos sujeitos, está imbuído de reflexão e prática capazes de promover a autocrítica, autonomia e emancipação, desejo freireano em toda sua pesquisa/ação.

A Pedagogia da Autonomia é chamamento político, ético-crítico: é educação que deve se constituir como modo de vida, como práxis social, sintetizando a reflexão, a ação de decidir e a ação transformadora. Não pode ser deixado para depois, ou para determinados momentos formais; tem que se fazer experiência vital de todos os dias, em todas as horas (ALBUQUERQUE, 2001, p. 220-221).

É fundamental o momento de transição do conhecimento simples para o epistemológico, atentando a esta passagem que nos abre horizontes, nos responsabilizando rigorosamente à formação de consciências capazes de reflexão crítica sobre a prática e sobre o poder de refletir diante da eticidade, politicidade e historicidade. [...] “a educação nos parece ser o instrumento mais apropriado para alcançar a passagem do povo, de sua consciência, para a inserção crítica” (TORRES,

1979, p. 21). A educação, sem dúvida nenhuma, é um mecanismo de inserção crítica e de novas leituras do mundo. “Se os homens são estes seres da busca e se sua vocação ontológica é a humanização, cedo ou tarde poderão perceber a contradição na qual a educação escolar procura mantê-los e se comprometerão na luta por sua libertação” (FREIRE, 1980, p. 80). Percebemos que a proposta educacional de Freire, na perspectiva problematizadora, tem raízes na liberdade e criatividade, estimulando ação e reflexão coerentes, ou seja, um contexto/realidade que, eminentemente, corresponde à vocação dos sujeitos comprometidos com a transformação criadora.

A educação crítica considera os homens como seres em devir, com seres inacabados, incompletos em uma realidade igualmente inacabada e juntamente com ela. [...] o caráter inacabado dos homens e o caráter evolutivo da realidade exigem que a educação seja uma atividade continuada. A educação é, deste modo, continuamente refeita pela práxis. Para ser, deve chegar a ser (FREIRE, 1980, p. 81).

Temos presente o jogo de estabilidade e mudança, para que o movimento da práxis aconteça e consiga a incansável busca do ser em si e do ser com os outros. O futuro é possível a partir de uma leitura inquieta do mundo, uma leitura esperançosa que contribui com a natureza histórica dos sujeitos. Este momento pode ser entendido como superação do próprio eu. O método a ser utilizado, é o de uma pedagogia humanizante, na qual os/as educadores/as utilizam-se de técnicas de formação de lideranças, de educandos/as com posicionamentos próprios e recriadores permanentes de conhecimento, sendo esta uma ação ética, responsável e comprometida.

Ao pensar sobre o dever que tenho, como professor, de respeitar a dignidade do educando, sua autonomia, sua identidade em processo, devo pensar também, como já salientei, em como ter uma prática educativa em que aquele respeito, que sei dever ter ao educando, se realize em lugar de ser negado. Isto exige de mim uma reflexão crítica permanente sobre minha prática através da qual vou fazendo a avaliação do meu próprio fazer com os educandos (FREIRE, 1996, p. 64).

Portanto, educador/a e educando/a encontram-se em constante reconstrução e ressignificação de postura e conhecimento, isso abre pos-

sibilidade relacional e dialógica, favorecendo a troca de experiências e de conhecimentos. Como pontuamos anteriormente, para que possamos ter uma sociedade mais justa e democrática, necessariamente, precisamos ser justos e democráticos. Podemos perceber que Freire aproxima a liberdade e o compromisso, de tal sorte que, quanto mais liberdade o sujeito tiver, maior o compromisso, e, quanto mais compromisso, maior a liberdade. Na educação libertadora, a ação e reflexão estão universalmente comprometidas com a mudança social, para isso, é preciso uma educação que provoque e estimule para o compromisso ético, para a práxis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da reflexão feita em nossa pesquisa, propomos um modelo educacional que foque seus objetivos na qualidade do ensino e menos para a formação individualista, competitiva e excludente. A educação freireana levou muito a sério os problemas de seu tempo, tendo como propósito ações equitativas com interrelações e vínculos afetivos e efetivos, vivenciados na conjuntura educacional e social. Apoia-se em princípios democráticos e inclusivos, comprometidos com um processo de formação solidária e emancipadora para o ser mais humano com os outros.

Fica o desafio de darmos continuidade ao aprofundamento da temática, diante da postura e proposta pedagógica de Freire. O ser humano é um ser da práxis, com a capacidade de conhecimento/transformação pelo trabalho que realiza, já o diálogo é um pacto para a liberdade, que provoca a mudança da realidade. Sabemos que os homens e mulheres são comunicação/diálogo, enquanto apreciação crítico-reflexiva, que revela ser uma demanda contemporânea merecedora de constante aprofundamento e exercício de compreensão. Freire, em suas obras, apresenta condições que o tornam sempre atual. Suas reflexões continuam como um referencial a partir dos desafios teóricos e práticos de opressão que permanecem na sociedade. Compreendemos que no momento educacional e social, em que estamos vivendo, a pedagogia deve ser um meio de libertar o oprimido.

Toda a pedagogia deve ser hoje pedagogia do oprimido. Nenhum pedagogo que queira levar a sério sua tarefa educativa pode se eximir desta

tomada de partido pela libertação dos oprimidos. Desde sempre o “problema central dos homens” é a humanização e as relações humanas; “toda a atividade política e pedagógica dos homens para com os homens tem um compromisso fundamental com este objetivo (KOWARZIK, 1982, p. 72).

O educador/a e educando/a devem estar abertos e socializarem com seus pares os saberes e anseios obtidos em suas caminhadas e formações epistemológicas. A construção conjunta fortalece a educação emancipadora na sociedade, propondo desdobramento que qualificam a atuação e intervenção entre sujeitos. Freire encerra a *Pedagogia do Oprimido* com o verbo “amar”, na esperança de que somos capazes de permanecer com “nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens e na criação de um mundo que seja menos difícil amar” (FREIRE, 1987, p. 142). Nesta lógica, inspirados por seus textos e pensamento, temos convicção em afirmar que para o sujeito amar tem que ser livre. Só ama quem tem liberdade.

Portanto, por meio desta pesquisa, buscamos uma reconstrução sistemática do pensamento de Paulo Freire, apontando possibilidades de uma visão epistemológica, ética e crítica do sujeito enquanto ser mais, inserido na sociedade. Esperamos que nosso exercício de compreender e expressar a herança de Freire de nos construirmos, enquanto sujeitos éticos e de liberdade em relação com outros sujeitos livres, tenha significado e ressignificado a existência humana, podendo servir de motivação e aprofundamento aos leitores de Paulo Freire.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Targélia de Souza. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. In: SOUZA, Ana Inês (Org.). *Paulo Freire: vida e obra*. São Paulo: Expressão Popular, 2001, p. 217-265.

BENINCÁ, Elli. *Práxis e investigação pedagógica*. In: MÜHL, Eldon Henrique; SARTORI, Jerônimo; ESQUINSANI, Valcir Antonio (Org.). *Diálogo, ação comunicativa e práxis pedagógica*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2011, p. 45-67.

COVER, Ivania. *A relação teoria e prática no processo de formação docente*. In: MÜHL, Eldon Henrique; SARTORI, Jerônimo; ESQUINSANI, Valcir Antonio (Org.). *Diálogo, ação comunicativa e práxis pedagógica*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2011, p. 68-81.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. *Extensão ou Comunicação?* 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. *Educação e Mudança*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. *Conscientização. Teoria e Prática da Libertação: uma introdução ao Pensamento de Paulo Freire*. 3ª ed. São Paulo: Moraes, 1980.

JORGE, J. Simões. *A Ideologia de Paulo Freire*. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 1981.

KOWARZIK, Wolfdietrich Schimed. *Pedagogia Dialética: de Aristóteles a Paulo Freire*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MÜHL, Eldon Henrique. *Práxis Pedagógica: Ação dialógica comunicativa e emancipação*. In: MÜHL, Eldon Henrique; SARTORI, Jerônimo; ESQUINSANI, Valcir Antonio (Org.). *Diálogo, ação comunicativa e práxis pedagógica*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2011, p. 11-24.

RUSSO, A. Hugo. *Dialogo y acción comunicativa: una comparación entre Freire e Habermas*. In: MÜHL, Eldon Henrique; SARTORI, Jerônimo; ESQUINSANI, Valcir Antonio (Org.). *Diálogo, ação comunicativa e práxis pedagógica*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2011, p. 25-44.

TORRES, Carlos Alberto. *Consciência e história: A Práxis Educativa de Paulo Freire*. São Paulo: Loyola, 1979.

Theory and practice compared in education in freire

ABSTRACT

This article aims to reflect the relationship between theory and practice in education from Freire, facing the challenges of current education. We seek, from literature review, understand that the terms Freire's ideas are still important references for the training of individuals and for the emancipation of society. To this end, we analyze the concept of education, theory and practice in Freire's thought and, as a result, the productivity of these concepts is evaluated, considering the current context of education. In entanglement and tension between theory and practice in education, we aim to understand the pedagogical praxis as a possibility of (co) relationship between thinking and thought in the educational process subjects. The relationship between theory and practice in education open emancipatory guiding paths for the formation of subjects who think the society in a manner consistent with the precepts of being more as a possibility of the educator of the student. The condition of the subjects in the process of knowledge is so human, that is able to enable the transformation of oneself and others, for this, theory and embedded praxis practice are necessary conditions for the formation of sensitive subjects, emancipated, solidarity and world transformers.

Keyword: Theory. Practice. Pedagogical Praxis. Be more. Emancipation.

Data de recebimento: 24/11/2016

Data de aprovação: 11/01/2016